

Buenos-Aires, 15 de março de 1933

Meu caro Mem

Recebi sua carta de 14 de dezembro do ano p.p., á qual respondi pela minha de 11 de janeiro último. Depois disso, nunca mais tive o prazer de receber diretamente notícias suas. Foi por isso com algum espanto que recebi a comunicação do Mario Amaro, segundo a qual V. já me terias escrito tres cartas.

Repito, pois, aqui, o pedido que lhe fiz na minha aludida carta: desejaria saber o que pensa V. acerca da questão religiosa e qual é a tal respeito a opinião dominante entre os nossos companheiros. Pedir-lhe-ia tambem a sua impressão a respeito de eleições e da possibilidade e conveniencia de uma solução violenta.

Junto vai uma carta pessoal e reservada para o dr. Torelly. Tratando-se de um assunto escabroso, pois não sei como o dr. Torelly está encarando as extralimitações do nosso Mario Amaro, faço-o juiz da entrega. Os amigos de Pelotas estão alarmados com o que vai pelo Partido e exigem, por intermedio do Firpo, que aqui se acha, a minha ida e a do Lusardo para a fronteira.

Lusardo e Ripoll já aqui se acham, de volta do velho mundo. Eu ainda demorarei aqui umas duas ou tres semanas, pois o microcosmo da emigração é a coisa mais complicada que há (sempre foi). Pelo próximo avião mandarei a procuração de que fala o Mario em sua última carta. Não fôsse o temor de alguma extração por crime comum, e eu deixaria correr á revelia todos os processos deste mundo.

Não me alongo para não perder o avião. Lembre-me aos amigos, inclusive ao Pasqualini, cuja opinião a respeito da questão acima formulada eu tambem desejaria conhecer, e receba-me um grande e forte abraço.

Do amigo e companheiro obrigado